



DADOS DE ÁFRICA (S)

ISSN: 2675-7699

Vol. 04 | N°. 08 | Ano 2023

Simão Rui Faz Tudo Soneca

REFLEXÃO CRÍTICA DA CARREIRA, EM MEIO A UMA TRAJETÓRIA DOCENTE: UMA BREVE PERSPECTIVA DE UM DOCENTE DO CURSO DE ARTES VISUAIS DA UNIVERSIDADE DE LUANDA

**CRITICAL REFLECTION ON A CAREER AMIDST A TEACHING
JOURNEY: A BRIEF PERSPECTIVE OF A VISUAL ARTS
PROFESSOR AT THE UNIVERSITY OF LUANDA**

RESUMO: Este artigo apresenta um memorial de trajetória docente, destacando as experiências e reflexões de um professor angolano ao longo de sua carreira. A partir de uma abordagem narrativa, o autor discute a formação inicial, as práticas pedagógicas, os desafios enfrentados e as conquistas alcançadas. Através de uma análise crítica, são exploradas as contribuições para a educação e a importância da valorização da identidade cultural e artística local. O artigo visa contribuir para o debate sobre a formação de professores e a promoção de uma educação inclusiva e relevante em contexto angolano.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de Professores; Trajetória Docente; Alfabetização; Desenvolvimento Profissional

ABSTRACT: This article presents a memorial of a teaching trajectory, highlighting the experiences and reflections of an Angolan teacher throughout his career. Through a narrative approach, the author discusses initial training, pedagogical practices, challenges faced, and achievements accomplished. A critical analysis explores contributions to education and the importance of valuing local cultural and artistic identity. The article aims to contribute to the debate on teacher training and the promotion of inclusive and relevant education in the angolan context.

KEY WORDS: Teacher Training; Teaching Trajectory; Literacy; Professional Development

Site/Contato

Editores

Rodrigo Castro Rezende
rodcastrorez@gmail.com

Ivaldo Marciano de França Lima
ivaldomarciano@gmail.com

REFLEXÃO CRÍTICA DA CARREIRA, EM MEIO A UMA TRAJETÓRIA DOCENTE: UMA BREVE PERSPECTIVA DE UM DOCENTE DO CURSO DE ARTES VISUAIS DA UNIVERSIDADE DE LUANDA

Simão Rui Faz Tudo Soneca¹

Introdução

A formação de professores é um tema de fundamental importância no campo da educação, pois impacta diretamente na qualidade do ensino e na aprendizagem dos alunos. A trajetória docente, por sua vez, revela as diversas etapas e desafios enfrentados pelos educadores ao longo de suas carreiras, proporcionando um entendimento profundo sobre os processos de desenvolvimento profissional e pessoal. A alfabetização, especialmente em contextos desfavorecidos, é uma área crucial que demanda atenção e inovação pedagógica para garantir que todas as crianças tenham acesso a uma educação de qualidade. Nesse sentido, a formação continuada e o desenvolvimento profissional dos professores são elementos essenciais para a construção de práticas educativas eficazes e transformadoras.

Este artigo tem como objetivo relatar a trajetória pessoal e profissional do autor, destacando as experiências significativas no campo da educação, com ênfase na formação de professores, alfabetização e desenvolvimento profissional. O relato inclui a participação em programas de formação, a prática docente em diferentes contextos educacionais e o envolvimento em projetos comunitários. Ao compartilhar essas experiências, o artigo busca contribuir para a pesquisa e prática na área educacional, oferecendo *insights* sobre os desafios e conquistas no percurso de um educador. A relevância deste relato reside na possibilidade de inspirar outros profissionais da educação, promover reflexões sobre a prática pedagógica e destacar a importância do desenvolvimento contínuo na carreira docente.

Abordagem Metodológica

A abordagem metodológica utilizada para narrar a trajetória docente e as experiências profissionais neste artigo é predominantemente qualitativa e autobiográfica. A escolha desta metodologia justifica-se pelo objetivo de proporcionar uma visão detalhada e pessoal das vivências e práticas pedagógicas ao longo da carreira docente. A metodologia qualitativa permite explorar as nuances e complexidades das experiências de vida, enquanto a abordagem autobiográfica confere autenticidade e profundidade ao relato.

¹ Mestre em Ensino de História de Angola pelo ISCED Luanda (Angola), Doutorando em Difusão do Conhecimento (UNEB/UFBA/IFBA), docente da Universidade de Luanda. simaosoneca3@gmail.com

Coleta de Informações

As informações apresentadas no artigo foram coletadas a partir de diversas fontes, incluindo:

1. **Memórias Pessoais:** A base principal das informações provém das memórias e recordações pessoais do autor, reconstruídas cronologicamente para oferecer uma narrativa coesa e lógica das experiências vividas.
2. **Documentos Oficiais:** Foram consultados documentos oficiais como certificados de formação, relatórios de estágio, e registros de participação em eventos acadêmicos e científicos. Estes documentos forneceram dados precisos sobre as etapas de formação e atuação profissional.
3. **Relatórios de Estágio e Projetos:** Os relatórios elaborados durante os estágios e projetos comunitários desempenharam um papel crucial na coleta de dados detalhados sobre as atividades realizadas e os resultados alcançados.
4. **Publicações Acadêmicas:** Artigos publicados em periódicos acadêmicos, bem como comunicações em jornadas científicas, foram utilizados para corroborar as experiências descritas e demonstrar o envolvimento contínuo com a pesquisa e a disseminação do conhecimento.

Organização das Informações

A organização das informações seguiu uma estrutura cronológica e temática, facilitando a compreensão do percurso formativo e profissional do autor. As principais etapas da trajetória foram divididas em seções específicas, permitindo uma análise detalhada de cada fase:

1. **Formação Inicial e Primeiros Anos de Docência:** Esta seção aborda o tempo de estudo na Escola de Formação de Professores (EFP), que faz parte do projeto intitulado Ajuda de Desenvolvimento de Povo para Povo (ADPP), como também as primeiras experiências como docente, destacando as práticas pedagógicas e os projetos comunitários desenvolvidos.
2. **Experiências Acadêmicas e Profissionais:** Inclui o período de atuação no Instituto Superior de Artes, a participação em eventos científicos, e a contribuição para a elaboração de documentos institucionais.
3. **Formação Continuada e Reflexões Críticas:** Descreve a formação contínua do autor, incluindo o aperfeiçoamento em Agregação Pedagógica e a realização do mestrado em En-

sino de História, além das reflexões críticas sobre a matriz curricular do curso de Artes Visuais.

4. Contribuições para a Educação e Artes em Angola: Foca nas pesquisas e publicações relacionadas à educação e artes visuais em Angola, evidenciando o impacto do trabalho desenvolvido pelo autor na comunidade acadêmica e na sociedade.

A estruturação cuidadosa e a utilização de diversas fontes de informação garantem a integridade e a veracidade dos dados apresentados, proporcionando uma visão abrangente e detalhada da trajetória docente e de minhas experiências profissionais.

Quando me reconheci como Simão Rui Faz Tudo Soneca!

Conceber um memorial como parte da história de vida é tentar contrariar as questões discutidas por Giovanni Levi (1996), que em um profícuo artigo sobre questões alusivas ao debate em torno da biografia, aponta que não há como uma vida ser contemplada em uma narrativa coerente e numa cronologia marcada em perspectiva linear. Não conseguiria narrar minha trajetória como criança nascida no Moxico, falante de cokwe, pertencente a célebres unidades centralizadas (aqui rejeito o uso de conceitos cristalizados na História, como “reino” e “império”), como o famoso Lunda, que existiu entre os séculos XVI até os estertores do XIX, e de pessoa que sofreu os efeitos da longa guerra civil que marcou a vida dos homens e mulheres, hoje definidos como angolanos. Também é importante mencionar Bordieu (1996), quando este problematiza a biografia como algo capaz de traduzir uma vida em sua plenitude.

Antes de seguir minha história, sei que serei lido por brasileiros, que no geral, são acostumados a se referir aos homens e mulheres da África por termos que aludem à cor da pele e/ou pelo adjetivo pátrio adstrito ao continente. Não perderei a oportunidade de indicar que em Angola há vários povos, aos quais reivindico pertencer. Não são tribos ou grupos étnicos (BARTH, 2000; FENTON, 2005; POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011), posto que tenham formações sociais muito mais complexas do que estes conceitos sugerem. Também não tenho como aceitar a definição de raça, imposta aos homens e mulheres do meu país, que é objeto de profundas críticas por parte de intelectuais como Mbembe (2001; 2014) e Appiah (2008).

Às vezes enfastia repetir para alguns brasileiros que nem todos que vivem na África se reconhecem como negros, ou mesmo como africanos. Aliás, sequer lembramos desses conceitos quando estamos vivendo nossas vidas cotidianas. Somos pessoas, acima de tudo, e dotados da possibilidade de usar várias identidades, tal qual referido por Lovejoy (2002) em discussão sobre a trajetória de um impressionante homem. Ainda rejeitando as categorias de negro e africano,

insisto em pedir aos brasileiros que conheci que releiam Fannon (2008). Ele não é simpático à ideia de raça como possibilidade de compreensão plena dos homens e mulheres. Prefiro insistir que àqueles que usam categorias homogeneizantes, podem também ser objeto delas. Não tenho autorização para afirmar que todos os brasileiros são iguais, pois de fato, não são.

Mas, preciso sempre lembrar que em Angola não temos candomblé e sequer sabemos o que são orixás. Eu, por exemplo, me reconheço como cristão, e antes que a maldade tome as sinapses do leitor ou da leitora, gostaria de lembrar que o cristianismo, conforme sugere M'Bokolo (2007), chegou primeiro a estas terras, para só então se instalar no que hoje se nomeia por Europa. Quero lembrar, como afirma Ivaldo Lima (2018; 2019a; 2019b), que o cristianismo surgiu no que é hoje Palestina/Israel, que por acaso é vizinho ao Egito. Ou seja, conforme Meredith (2017), certamente o cristianismo chega primeiro ao que hoje nomeamos por África, para só então se instalar naquilo que posteriormente se definiu como Europa. Enfim, eu me chamo Simão Rui Faz Tudo Soneca. E doravante, tentarei, mesmo que de forma arbitrária (pois é assim que se fabricam as biografias ou narrativas de histórias de vida), indicar os tempos diversos de minha vida.

O tempo de infância e de constituição do sujeito

Ao nascer, ganhei o nome de Simão Rui Faz Tudo Soneca. Palavras em português, para uma criança que teve como primeira língua o cokwe. Seria correto (e digno) indicar que é neste momento que aparecem as contradições alusivas ao contexto da cultura. Não sou partidário da ideia de que um povo seja passível de ser aculturado ou tenha seus contextos modificados por outros, mas é certo que os termos e categorias das práticas e costumes dos povos portugueses, ao mesmo tempo em que nos foram impostos como fruto de uma relação pautada na colonização, foram também por nós ressignificados. Aqui, no dizer de Stuart Hall (2003), ao contrário do que se pensou por muito tempo em termos de conquistados imersos na passividade, somos também sujeitos possuidores de capacidades diversas, das quais a da reinterpretação de códigos e costumes diversos. Sim, meu nome talvez seja estranho para quem lê estas linhas, mas ele é fruto deste processo de ressignificação. Há vários nomes próprios usados não apenas em Angola, mas também em Moçambique, que certamente poderiam sofrer gracejos em várias partes do Brasil. Mas este, no caso, o meu, é fruto de ressignificações.

Pois bem, nasci em Luena, capital da amada e querida Moxico, província localizada na parte leste do que hoje nomeamos por Angola. Assim me refiro a este país, pois compreendo-o como uma construção operada no tempo e no espaço, tributário de um processo conjunto em que foram protagonistas cokwes, bakongos, ambundos, ovimbundos, ganguelas, portugueses, dentre

outros povos. Sim, quis indicar os portugueses, pois Angola é também tributária de seus atos e feitos, mas não sou daqueles que atribuem centralidade a estes que vieram pelo oceano e aqui operaram transformações diversas. Pois bem, antes de Angola, as terras onde nasci eram parte do outrora país Lunda, também referido pelo termo “reino” de Lunda. Éramos vizinhos dos também poderosos Lubas, contra os quais guerreávamos e também celebrávamos em vários momentos de nossa história. Posto na linha do tempo, Lunda existiu por muitos anos, e Angola independente sequer possui metade da metade de nossa história.

Vim a este mundo em 05 de março de 1983. Digo “vim a este mundo” porque minha família já possuía a crença de que eu existia, mas numa perspectiva linhageira, o que me faz acreditar que meu nascimento foi apenas a estreia nesta parte da vida. Eu já existia em outra dimensão, ao menos como discurso. Sou filho de Catarina Japão, minha amada mãe, e Rui Faz Tudo (in memoriam), meu querido e saudoso pai, de quem por ora verto lágrimas de saudade. Meu número de identidade foi assim definido e disposto no arquivo de Identificação de Luanda, emitido no dia 03/12/2019. Sua validade é até o dia 02/12/2029. Espero que até lá eu já esteja na condição de doutor em Difusão do Conhecimento. Sou casado com uma bela mulher, Sandra Munginga Silvério Soneca, que me deu dois belos rapazes, Sandro Rui Silvério Soneca e Natanael Victor Silvério Soneca, e duas belíssimas meninas, Emanuela Fernanda Silvério Soneca e Simone Catarina Silvério Soneca. Eu diria que fui premiado com uma família tão bela! Talvez eles sejam minha primeira motivação em querer estudar no Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento!

Comecei a estudar ainda na minha região de origem. Em Angola, o sistema de educação é formado pela Educação Básica e Superior. A educação básica contempla a educação infantil até o ensino médio. Normalmente, é dividida em três níveis: Educação Infantil, destinada a crianças de 0 a 5 anos; Ensino Primário e I Ciclo, com duração de nove anos, destinado a crianças de 6 a 14 anos; Ensino Médio, desde a 10^a a 13^a Classe, voltado para adolescentes de 15 a 17 anos, tem a função de consolidar a formação do indivíduo, preparando-o para o ingresso no mercado de trabalho ou para o ensino superior.

O Ensino Superior, por sua vez, abrange os níveis de graduação e pós-graduação. Temos em nosso país instituições de ensino que oferecem cursos de graduação em várias áreas, a exemplo de licenciaturas e bacharelados. Certa vez, fiquei espantado quando um brasileiro perguntou se tínhamos universidades em nosso país. Sim, temos, e são muitas! As pós-graduações se dividem, tal qual no Brasil, em três níveis: especialização, mestrado e doutorado. Ainda temos muitos problemas relacionados com a pós-graduação, contudo, acredito que o tempo em que estarei estudando no Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento

será importante para que eu leve diversas expertises para o meu país, pois temos muito o que aprender com os brasileiros.

O tempo de estudante da educação básica

Quanto à minha formação, cursei os primeiros anos do ensino Primário entre 1988 e 1995. Foi aí que tive minha iniciação para a 4ª classe. Devo ressaltar que a guerra vivida no contexto pós-independência, objeto de muitos estudos de autores como Visentini (2012) e Pelissier (2011), atrasou bastante nossas vidas. Pessoas com pernas amputadas, em decorrência das minas, colheitas inteiras destruídas, fome, mortes e lágrimas. Eu fui um dos muitos que tive de parar meus estudos para poder me manter vivo. E, ao que parece, fui exitoso nesta tarefa!

Pois bem, os anos letivos paralisados, notadamente de 1990 e 1991, custaram parte do meu tempo, mas nem por isso ceifaram minha paciência e esperança. Cursei o IIº Nível entre os anos de 1995 a 1996, o que em Angola nomeamos por 5ª classe, e a 6ª classe nos anos de 1996 a 1997. Ascendi ao IIIº Nível, e me sentindo mais robusto em termos de conhecimento, fiz a 7ª classe entre os anos de 1998 e 1999, e a 8ª classe entre os anos de 1999 e 2000. Quando cheguei ao Nível Médio, já estávamos nos aproximando do novo milênio. Eram os anos de 2000 a 2002. Estudava no Centro Pré-Universitário (PUNIV) do Moxico, e minha opção era a de seguir pelas Ciências Sociais, com a duração de 3 anos. Que o leitor e a leitora não confundam! O pré-universitário nos concede formação em várias áreas, mas não estamos nos referindo ao curso superior. Esta etapa ainda é o que nomeamos em Angola por nível médio.

O Tempo de Professor na EPF - ADPP

Às minhas expensas, ou por meu mérito próprio, ganhei uma bolsa de estudo para trabalhar como estagiário na Ajuda de Desenvolvimento de Povo para Povo (ADPP), na Escola de Professores do Futuro (EPF) Ramiro-Luanda, entre os anos de 2002 a 2005. A ADPP é uma espécie de projeto de desenvolvimento social, financiado com capital advindo de outros países. Há intervenções da ADPP em vários países da África, e Angola é um deles.

Essa oportunidade de formação, de estudar para ser um professor, foi extremamente valiosa, pois foi aqui que me reconheci como docente, uma vez que o papel dos educadores é fundamental para o desenvolvimento e o progresso de uma sociedade. Realizei as práticas pedagógicas tanto na turma de formação de professores (FP) em 2002, como também na escola da comuna de Ramiro-Luanda, trabalhando com a 3ª classe em 2003. As práticas pedagógicas se constituem em momentos cruciais para colocar em prática o conhecimento teórico adquirido

durante a formação, e assim ganhar experiência no ambiente real de ensino e aprendizagem, ou, no que os brasileiros denominam “entender a formação do chão da escola”.

Essa experiência como professor em formação e as práticas com alunos da 3ª classe foram oportunidades valiosas para o aprimoramento das habilidades de ensino e para entender melhor o funcionamento das escolas e comunidades locais. Além disso, ter estudado na EPF Ramiro-Luanda me proporcionou uma formação sólida e relevante, preparando-me para a carreira de educador e para contribuir de maneira significativa para o setor educacional em Angola.

No ano de 2004, realizei um estágio de um ano na Província do Moxico, na cidade do Luena. Este estágio foi dividido em três partes, a saber: Ensino, Ensino à Distância e Projeto Comunitário, acompanhado pelo supervisor (e também querido) professor Óscar Mota, da ADPP-EPF, e pelos professores da escola em que o estágio foi realizado. Este tempo foi valioso e me proporcionou uma orientação extremamente útil para meu crescimento como docente e educador. No tempo de ensino, tive a oportunidade de ministrar aulas de Geografia para alunos da 5ª e 6ª classe na escola Promaíca-São José. Trabalhar em sala de aula fez com que eu desenvolvesse habilidades pedagógicas, ao mesmo tempo em que me permitiu estabelecer uma conexão direta com os alunos. Ao final do ano letivo, elaborei uma pauta e um relatório que foram defendidos perante os júris na escola de professores do futuro, uma prática comum para avaliar o desempenho e o aprendizado durante o estágio.

Na etapa do Ensino à Distância, realizei leituras e estudos sobre educação e os materiais trazidos para a escola de professores do futuro. Essa base teórica foi utilizada para compreender a prática docente na sala de aula. Ao final do ano letivo, mais uma vez tive de apresentar os resultados dessa pesquisa em uma defesa perante os júris na escola de formação de professores do futuro. Nesses tempos, eu já sentia um “frio na barriga” por fazer tal defesa. Eu nem esperava o que viria pela frente, como a defesa de dissertação!

Já na etapa do Projeto Comunitário, participei do processo de identificação da aldeia em que atuei, localizada a 16 km da cidade do Luena-Moxico. Nela, construímos uma escola com materiais existentes na localidade. O apoio das autoridades provinciais, da administração da província, das autoridades tradicionais (sobas) e de uma organização não governamental jesuíta foi essencial para o sucesso do projeto. Esse esforço conjunto resultou na construção de uma escola com três salas de aula e um gabinete para o diretor, contribuindo para o acesso à educação e aumentando o número de crianças no subsistema educacional angolano. A defesa do projeto perante os júris na escola de professores do futuro reforçou o impacto que a educação pode ter na comunidade. E de novo senti o “frio na barriga”, que nem de longe se igualou àquele que tive no momento da defesa de minha dissertação!

Desenvolvi o projeto de alfabetização no estágio, demonstrando o comprometimento em usar os conhecimentos e habilidades para o benefício daqueles com quem lidava. Trabalhei com vinte e nove senhoras e um rapaz na Escola Kwenha, na cidade do Luena. A alfabetização, como parte do estágio, fez a diferença na vida das pessoas com as quais lidamos. Esta ação foi importante por ter promovido a inclusão e o desenvolvimento da comunidade. A defesa desse programa, em janeiro de 2005, na escola de professores na comuna do Ramiro, província de Luanda, foi uma oportunidade para compartilhar as experiências e os resultados de aprendizados com outros colegas e com a equipe de supervisão.

Após o regresso à província do Moxico, em 2005, fui indicado para assumir o cargo de coordenador e professor do componente curricular de Geografia da 7^a e 8^a classe na Escola São José. Na busca constante de manter a formação continuada e adquirir conhecimentos adicionais para melhor servir a comunidade e enfrentar os desafios educacionais em Angola, fiz formações na ADPP-EPF em primeiros socorros, alfabetização e educação ambiental. Minha sede de saber era simultânea ao meu desejo de servir ao país que me viu nascer!

Quis ter uma formação em primeiros socorros para poder contribuir nos momentos em que ia trabalhar nas zonas rurais, localidades em que o acesso aos serviços médicos é limitado. Aqui, devo fazer uma breve reflexão sobre a questão do analfabetismo em Angola. É possível afirmar que há grande quantidade de iletrados em português em Angola. Mas, diferente do Brasil, em que mais de noventa e nove por cento de sua população fala e escreve (em tese) em português, em Angola existem outras línguas, como o cokwe, que fui encaminhado a falar nos primeiros anos de minha vida. Ora, parafraseando Ki-Zerbo (2006), por que devemos manter um ensino pautado no lastreamento de uma língua em detrimento de outras tantas? Não seria o ensino bilíngue uma excelente saída para promover a diminuição desse analfabetismo em Angola? Enfim, o analfabetismo em Angola é um desafio significativo, e ao lecionar para crianças regulares e alfabetizar adultos, contribuí de certa forma para a redução do analfabetismo, ao mesmo tempo em que permiti que outras pessoas tivessem mais oportunidades na vida.

A formação em Educação Ambiental também foi de extrema importância, dada a crescente preocupação com as questões ambientais em todo o mundo. Como professor, ao adquirir conhecimentos sobre educação ambiental, tornei-me um agente de mudança para conscientizar os alunos e a comunidade sobre a importância de proteger o meio ambiente e adotar práticas sustentáveis. Essas formações foram possíveis graças à Juventude Ecológica Angolana (JEA), ao Ministério da Educação de Angola e à Agência Sueca para o Desenvolvimento Internacional (ASDI).

O Tempo de Estudante na Universidade Agostinho Neto

Tendo em conta os desafios na formação docente, em 2006 fiz o concurso público para ingressar no ensino superior, mais precisamente no curso de Psicologia, na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, entre os anos de 2006 a 2010. Neste período, além das atividades acadêmicas e científicas, ajudei a organizar alguns eventos, dentre os quais, as jornadas “Científicas em Ciências Psicológicas”, sobretudo a que ocorreu em 2008, com o tema “A Divulgação das Ciências Psicológicas e a sua Aplicação Prática na Resolução dos Problemas Sociais em Angola”. Também ajudei a organizar a jornada ocorrida em 2009, que teve como tema “O Desenvolvimento das Ciências Psicológicas em Angola e os Desafios do Mercado de Trabalho”. Foram tempos divertidos, apesar de puxados...

Depois de terminar os créditos, apresentei o Trabalho de Fim de Curso, intitulado “A Valorização do Capital Humano e sua Influência na Qualidade dos Serviços Públicos na Cidade de Luanda”. Novamente senti o frio na barriga, por ter de apresentar este trabalho, mais precisamente no dia 29 de junho de 2010. Com isso, obtive o grau de Licenciado em Psicologia do Trabalho. Não posso me queixar da formação obtida na Universidade Agostinho Neto, mas diria que não consegui me reconhecer como psicólogo, por mais que desejasse estar próximo de pessoas... Ao que parece, o meu lugar era, de fato, na sala de aula...

O Tempo de Professor no Instituto Superior de Artes

Em 2014, com a criação de várias instituições de ensino superior pelo governo angolano, através do Decreto Presidencial nº 07/09, de 12 de maio, tive a chance de participar de uma seleção pública para lecionar no recém-criado Instituto Superior de Artes. Fui convocado em 2014, após ser aprovado na seleção referida, para fazer parte do corpo docente desta instituição. Inicialmente, tivemos dois cursos de graduação, a saber, “Artes Visuais” e “Música”. Em 2015, tivemos o curso de “Teatro”, e em 2016, o de “Design e Moda”. Na medida em que os cursos avançavam, eu era convocado para lecionar os componentes curriculares alusivos à minha área de formação, no caso, Psicologia. Componentes como Psicologia, Psicologia Aplicada às Artes Visuais, Psicologia Aplicada à Prática Musical, Psicologia Aplicada ao Teatro, além de Projeto de Fim de Curso do Curso de Design e Moda, foram alguns dos que lecionei até os dias atuais.

Não obstante minha condição de docente, também participei na elaboração de alguns documentos orientadores da instituição, notadamente aqueles voltados para os aspectos alusivos às composições das matrizes curriculares de alguns cursos. Tal questão é dotada de uma responsabilidade crucial, pois esses documentos fornecem diretrizes e estratégias para o

crescimento e o desenvolvimento da instituição de ensino. Além disso, também contribuo nos trabalhos administrativos, como em várias comissões, tanto para as Jornadas Científicas do Departamento, quanto para a instituição propriamente dita, ou para a promoção do conhecimento e da pesquisa no campo das Artes e da Psicologia.

Com ênfase na comunicação feita durante a I Jornada Científica do Instituto Superior Politécnico Atlântida, de Angola, em que discuti sobre os temas e motivações dos estudantes para a escolha dos cursos de graduação, pude iniciar as reflexões a respeito de minúcias que constituem aspectos preocupantes no curso em que atuo, na Universidade de Luanda. O tema da referida comunicação, no ISP Atlântida, foi “Os Motivos que Estão na Base da Escolha dos Cursos pelos Candidatos no Instituto Superior de Artes 2018”.

O Tempo do Aperfeiçoamento e das Reflexões Críticas sobre o Curso de Artes da Faculdade de Artes da Universidade de Luanda

Para melhor articular as atividades docentes, bem como as exigências para o aprimoramento de minha prática, voltei aos bancos escolares, e novamente na condição de estudante, fiz o aperfeiçoamento em Agregação Pedagógica para Docentes Universitários, no ano de 2018, no Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED-Luanda). Pude observar, no momento em que me encontrava na condição de estudante, que o curso de Artes necessitava de reformas, sobretudo por questões relacionadas à sua matriz curricular, bastante voltada para uma compreensão do fazer artístico voltado para uma visão conservadora de arte.

Foi neste processo que observei as carências do curso de Artes Visuais da Faculdade de Artes (ex-ISART), notadamente aquela relacionada à sua matriz curricular. Os componentes curriculares em que poderiam ser discutidas questões relacionadas à produção artística dos povos angolanos, bem como dos seus principais artistas, não são bem aproveitados. Existe produção angolana em todas as Belas Artes, entretanto, não há uma discussão e pesquisa mais aprofundada sobre a mesma no curso.

Mesmo havendo os componentes curriculares de Sociedade e Cultura Angolana, Arte Africana e História Cultural Africana, não há substrato suficiente para produzir perspectivas de autorreconhecimento entre os estudantes e o curso propriamente dito. Este aspecto, portanto, pode ser apontado como um dos motivos que geram a evasão discente. Isto me fez pesquisar esses aspectos, de maneira que pudesse compreender as causas da evasão, ou mesmo do desestímulo por parte de alguns docentes em relação ao curso. Compreender essas questões, portanto, é fundamental para empreender a melhoria da qualidade do ensino, como também para tentar reduzir os números alusivos à evasão discente. Ora, como promover a permanência e o

sucesso acadêmico dos estudantes, sem refletir de forma crítica sobre a matriz curricular do curso de Artes Visuais?

Deste modo, comecei a articular minhas pesquisas com a experiência de campo, tal qual no passado, quando fui professor ainda no tempo da ADPP. Dentre algumas questões alusivas à evasão, comecei a refletir sobre os motivos que estão na base da escolha dos cursos pelos candidatos no Instituto Superior de Artes, o que me fez apresentar alguns trabalhos sobre a temática. Logo, passei a interrogar sobre a desistência dos estudantes do Instituto Superior de Artes (atual Faculdade de Artes), no período de 2014 a 2018, e com isso novamente me ative ao entendimento das causas e consequências. Esses aspectos me levaram a publicar dois artigos em periódicos acadêmicos, sendo um intitulado “Os Motivos que Estão na Base da Escolha dos Cursos pelos Candidatos no Instituto Superior de Artes, em 2018”, na revista "Com a Palavra o Professor", editada em Vitória da Conquista (BA), no ano de 2020.

O Mestrado e as Reflexões Críticas para as Pesquisas

Devido à necessidade de aprimorar cada vez mais minha prática pedagógica, como também para melhorar a titulação dos docentes da Universidade de Luanda, fiz a inscrição no curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Ensino de História, na opção de Ensino de História de Angola, no Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED-Luanda), em fevereiro de 2021. Após o cumprimento dos créditos e das obrigações do curso, publiquei um artigo na revista "Dado(s) de África(s)", intitulado “Breves Considerações sobre a Memória Histórica, Congelada no Manual de Ensino de História da 5ª Classe da Reforma Educativa em Angola, no Período de 2012 a 2019”.

Para concluir o mestrado, apresentei a dissertação intitulada “A Memória Histórica em Angola: Um Olhar sobre o Curso de Artes Visuais no Instituto Superior de Artes (2014 - 2020)”, no Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED-Luanda), apresentada para a obtenção do grau de Mestre, sob a orientação da doutora Adelina Alexandra Carlos Pio de Kandingi. Obtive uma classificação de “Muito Bom” em 2023. O tema desta dissertação foi voltado para a área do Ensino de História de Angola. Nos últimos anos, tenho me dedicado aos seguintes temas: Educação, Ensino, Psicologia, Arte, Memória e História.

A Negligência para com as Artes e seus Artistas em Angola

As pesquisas realizadas ao longo de minha condição de docente da Universidade de Luanda, bem como o processo de elaboração de minha dissertação de mestrado, além das visitas

realizadas aos museus e arquivos na província de Luanda, propiciaram com que eu percebesse a pouca atenção dada pelo curso à produção artística angolana. Há um desequilíbrio evidente entre a atenção voltada para as obras de artes convencionais, ditas ocidentais, e aquelas produzidas no contexto local. A falta de pesquisa e compilação adequada dos conteúdos sobre obras de artes visuais angolanas pode levar a uma perpetuação do foco excessivo nas obras produzidas fora de Angola, ou do continente africano como um todo, negligenciando assim o rico patrimônio artístico e cultural do país. Isso pode resultar em um problema de autorreconhecimento dos estudantes com o curso. Nosso objetivo é reverter esse quadro, criando assim um impacto significativo no campo da educação e nas artes visuais em Angola.

Ao promovermos pesquisas mais abrangentes e a compilação adequada de conteúdos sobre as obras de arte angolanas, ajudaremos a enriquecer o currículo das instituições, possibilitando aos docentes e estudantes uma experiência educacional mais inclusiva e culturalmente relevante. A preservação e valorização da identidade artística local contribui para a construção da memória histórica do país e para a promoção da cultura angolana tanto internamente quanto em âmbito internacional. A inspiração do tema da minha tese surge de uma trajetória pessoal e profissional rica em experiências como docente na Faculdade de Artes, leituras, pesquisas, palestras e discussões realizadas ao longo do tempo. A dedicação na área de artes visuais e ao ensino é claramente refletida no objetivo da tese, que é compreender a educação artística angolana no cotidiano escolar na Faculdade de Arte.

O Tempo de Candidato ao Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento (PPGDC) – O Tema da Pesquisa e o Doutoramento

Talvez este seja o mais complexo tema a ser discutido, posto que esteja no tempo presente ou imediato. Pensar na matriz curricular de um curso, e de como este não retroalimenta as perspectivas alusivas à identidade e ao reconhecimento constituem minha principal questão de pesquisa, que serviu de baliza para compor meu projeto com o qual concorri à seleção do programa de pós-graduação acima indicado. Os aspectos relacionados com a memória e de como esta se associa aos contextos da identidade permitem tomar como questão de pesquisa a indagação sobre o curso de Artes Visuais, e de como este produz um conhecimento distante das minúcias e especificidades dos estudantes. O projeto em questão, elaborado para este Programa de Pós-Graduação, teve como ênfase as reflexões em torno dos conflitos entre memória, identidade, ensino de artes e História. Sobre estes aspectos, considero que ainda terei muito a discutir, uma vez que me encontro como estudante do referido programa. Logo, para o presente

imediatamente apenas indico que se trata de mais uma etapa em minha vida, e a mesma segue como condição atual.

Conclusão

Ao longo destas linhas, escritas sob perspectiva memorialística, foram compartilhadas experiências significativas e reflexões críticas sobre a minha trajetória docente. A formação inicial na EFP/ADPP, acima referida, as práticas pedagógicas e o desenvolvimento profissional no outrora Instituto Superior de Artes, atual Faculdade de Artes da Universidade de Luanda, destacam a importância de uma educação que valorize a identidade cultural e artística local. Os desafios enfrentados, a exemplo do analfabetismo e da falta de pesquisa sobre a arte angolana, apontam para a necessidade de reformas educacionais e curriculares que promovam uma educação inclusiva e culturalmente relevante. Este artigo contribui para trazer subsídios para o debate sobre a formação de professores de artes em Angola, e reforça a importância de integrar a história e a cultura locais no processo educativo, visando a construção de uma educação mais equitativa e significativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai. A África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO Janaína (orgs.). **Usos & abusos da História oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 1996.
- FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FENTON, Steve. **Etnicidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora. Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- KI-ZERBO, Joseph. **Para quando a África?** Rio de Janeiro: Pallas, 2006.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO Janaína (orgs.). **Usos & abusos da História oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 1996, p. 167 - 182.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Ensino de História, África e Brasil: Entre Conceitos e Estereótipos. **Revista Tempo, Espaço e Linguagem**, v. 10, p. 41-69, 2019 (a).

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Representações da África no âmbito do ensino de história: algumas questões de análise dos conteúdos. **Labirinto** (UNIR), v. 31, p. 97-123, 2019 (b).

LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Representações da África no Brasil: Novas Interpretações**. Recife: Editora Bagaço, 2018.

LOVEJOY, Paul E. Identidade e a miragem da etnicidade. A jornada de Mahhomah Gardo Baquaqua para as Américas. **Afro-Ásia**, nº 27, 2002.

M´BOKOLO, Elikia. **África negra. História e civilizações - do século XIX aos nossos dias, Tomo II**. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. **Estudos Afro-Asiáticos**, n. 01, 2001, p. 172 – 209.

MBEMBE, Achille. **Sair da Grande Noite. Ensaio sobre a África descolonizada**. Luanda: Edições Mulemba; Mangualde: Edições Pedagogo, 2014.

MEREDITH, Martin. **O Destino da África. Cinco Mil Anos de Riquezas, Ganancia e Desafios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

PÉLISSIER, René; WHEELER, Douglas L. **História de Angola**. Lisboa: Tinta da China, 2011.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **As revoluções africanas: Angola, Moçambique e Etiópia**. São Paulo: UNESP, 2012.

Recebido em: 08/04/2023

Aprovado em: 12/12/2023